



... por todo o mundo...  
Marcos 16:15

# Igreja Adventista do Sétimo Dia



## NÚMERO DE MEMBROS

Membros adultos baptizados . . . . .	1.245.125
Igrejas . . . . .	12.975
Países da sua actividade . . . . .	196
Línguas empregadas . . . . .	791
Missionários em serviço . . . . .	18.362

## SERVIÇOS MÉDICOS

Hospitais e Sanatórios . . . . .	108
Dispensários . . . . .	111
Médicos, enfermeiros e outro pessoal . . . . .	13.429

## PROGRAMA EDUCACIONAL

Escolas Primárias . . . . .	4.453
Professores e professoras . . . . .	8.437
Escolas Secundárias e Faculdades . . . . .	370
Professores e professoras . . . . .	3.921
Alunos e alunas matriculados . . . . .	290.000

## DEPARTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES

Casas Editoras . . . . .	42
Empregados . . . . .	2.057
Revistas . . . . .	293
Línguas empregadas . . . . .	228
Venda total das publicações em 1960 . . . . .	659.207.696\$00

# A IGREJA ADVENTISTA

## E A

# NAÇÃO PORTUGUESA

**M**UITO se tem escrito e, certamente, pensado, acerca das crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia e da sua obra missionária, face à realidade cristã, multirracial e pluricontinental da Nação Portuguesa.

E, se bem que muitas vezes se tenha feito justiça, nem sempre às alusões à obra adventista tem presidido um verdadeiro espírito de esclarecida isenção. Já li até algures, por mais do que uma vez, comentários, mais ou menos velados, associando a obra da Igreja Adventista e os princípios que a doutrina com as enganosas e extremistas congeminções de conhecidos inimigos da Pátria e dos seus tradicionais princípios cristãos.

Assim, creio ser oportuno perguntar: Qual a posição dos Adventistas do Sétimo Dia perante a Nação Portuguesa e os poderes constituídos do seu Estado? Como é essa atitude teórica posta em prática na obra missionária que a Igreja Adventista desenvolve em todas as parcelas do nosso Portugal?

Passemos a examinar sucintamente qual a resposta válida a dar à primeira destas perguntas.

É ensino fundamental das Escrituras Sagradas que todo aquele que professa amar a Deus, com sinceridade, terá que, naturalmente, guardar os Seus mandamentos. Assim pensam e praticam os Adventistas do Sétimo Dia.

Eles crêem que a observância dos Manda-

mentos leva o homem a respeitar as leis que regem a espécie e a viver em harmonia com o próximo.

Nosso Senhor Jesus Cristo fez da obediência à lei uma prova do verdadeiro discipulado. «Se me amardes guardareis os Meus Mandamentos» — disse Ele. (S. João 14:15). E disse ainda: «Se guardardes os Meus Mandamentos permaneceréis no Meu amor» (S. João 15-10).

Como cristãos obedientes à lei de Deus crêem ainda os Adventistas do Sétimo Dia, que a observância das leis terrestres está intimamente ligada à obediência dos Mandamentos de Deus.

São cidadãos ordeiros e respeitadores, porque acreditam no poder transformador das Sagradas Escrituras e seguem os seus preceitos. Disse S. Paulo (Rom. 13:1, 7) — «Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus: e as potestades que há foram ordenadas por Deus». Portanto dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo: a quem imposto, imposto: a quem temor, temor: a quem honra, honra».

Na sua obediência aos poderes do Estado, não manifestam uma atitude passiva, antes, como diz S. Paulo a Tito 3:1, «obedecem estando preparados para toda a boa obra».

Se todos aqueles que professam seguir a Jesus Cristo dessem ouvidos à Sua Palavra como o procuram fazer os Adventistas do Sétimo Dia, desapareceriam muitas das dificuldades que hoje envenenam as relações entre os homens.

Disse S. Pedro na sua I Carta cap. 2:13-17: «Sujeitai-vos pois a toda a ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei como superior; quer aos governadores como por ele enviados para castigo dos malfeteiros, e para louvor de quem fazem o bem. Porque assim é a vontade de Deus que, fazendo bem, tapeis a boca à ignorância dos homens loucos; como livres e não tendo a liberdade por cobertura da malícia, mas como servos de Deus. Honrai a todos. Amai a fraternidade. Temei a Deus. Honrai o rei». (Símbolo do Estado no tempo do Apóstolo).

Quanto à segunda pergunta a que me propus responder, atentemos para o facto de que, a obra adventista no mundo português é servida por ministros do evangelho, na sua maioria portugueses, trabalhando em prol do bem espiritual, moral e físico da sua Pátria. E, se em alguns casos há missionários de outras nacionalidades trabalhando nas missões adventistas por-

(Continua na pág. 5)

SUPLEMENTO MISSIONÁRIO

DA

REVISTA ADVENTISTA

DIRECTOR E EDITOR: A. CASACA

ADMINISTRADOR: PEDRO B. RIBEIRO

★

PROPRIETÁRIO: UNIÃO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

★

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

LISBOA 1

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA

RUA DE DONA ESTEFANIA, 195-A—LISBOA

PREÇO 5\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# A mensagem

e a



Lucinda Ajino com seu marido

**A** feitiçaria é o maior inimigo do Cristianismo e da Civilização entre as populações gentílicas, não só de Angola, mas de toda a África. A sua influência sobre a vida do nativo acompanha-o desde o nascimento até à sepultura.

Sob a designação geral de feiticheiros devem distinguir-se três classes de pessoas. Há os feiticheiros propriamente ditos: são eles os agentes de todos os malefícios que encham de terror as populações nativas. Depois há os adivinhadores, que descobrem as causas e os autores das desgraças, doenças e outros males. Finalmente há os curandeiros, que com as suas mèsinhas procuram trazer a cura aos doentes ou simplesmente vítimas de malefícios.

Gostaria que o prezado leitor pudesse hoje tomar conhecimento com alguns ex-adivinhadores que, presentemente, são fervorosos cristãos.

Todos os anos, por altura dos congressos que se realizam no mato, no tempo do cacimbo, há adivinhadores que trazem os seus cestos de adivinção, com seu estranho conteúdo (pedaços de espelho, dentes, pequenos chifres, pés de aves, simulacros de homens, de mulheres, de caixões, etc.), a fim de serem publicamente queimados, como testemunho de total abandono de um pas-

sado de superstição e engano, e de completa aceitação de uma nova vida em Cristo.

Conhecem *Namutoca*? É uma simpática velhinha quioca, de setenta anos, ainda cheia de saúde e vivacidade. Quando tinha vinte e tal anos, adoeceu. Chamou uma adivinhadora, que a curou. Curada, mostrou interesse em aprender o mister. A adivinhadora dividiu com ela o conteúdo do seu cesto, e *Namutoca* ficou também adivinhadora. Durante uns oito anos exerceu a sua profissão, por meio da qual ganhava pratos, galinhas, cabras, dinheiro, etc.

Em 1933, conheceu a mensagem adventista e deixou todas as suas práticas supersticiosas. Estudou as doutrinas cristãs durante dois anos, findos os quais foi baptizada.

É mãe de *Jeremias Manganjo*, consagrado pastor adventista. Além do seu filho, no qual tem grande orgulho, conta vários netos que hoje, como catequistas, pregam o Evangelho.

Em 1960, tive o privilégio de baptizar *Namalassa Wafulashili*, perto de Teixeira de Sousa. Esta senhora não era propriamente adivinhadora, mas esposa de um adivinhador. Este fez um grande cesto, no qual ela cabia. Quando um doente o consultava, *Namalassa* deitava-se no cesto. Escutava a conversa e fazia mover o cesto a favor ou contra o doente, que não podia aproximar-se.

Um dia adoeceu de uma infecção. O marido dizia-lhe que alguém lhe tinha provocado o mal por feitiçaria, mas não pôde curá-la. Ela convenceu-se então de quão mentirosas eram as práticas que estava seguindo. Em 1957 ouviu o Evan-

Casas de uma aldeia adventista quioca



# adventista, feiticeira

gelho e aceitou-o, tornando-se desde então uma nova criatura em Cristo.

Desejo agora apresentar-vos *Lucinda Higino*, que conheci há perto de cinco anos na Missão do Quicuco, concelho de Quilengues. É da Lola, onde começou a exercer da seguinte maneira a profissão de adivinhadora. Como estivesse doente, foi a uma «quimbanda» que «adivinhou» que ela devia ser também «quimbanda» ou adivinhadora. Em cumprimento desse vaticínio, ela dedicou-se à adivinhação. Mas não se sentia muito convicta do poder sobrenatural das suas práticas. Ao ouvir a mensagem adventista, tudo abandonou. Durante mais de dois anos se preparou para o baptismo, que finalmente recebeu em 1957.

Cada ano que visito o Quicuco pergunto pela *Lucinda Higino*. Estará ela ainda firme na fé? Felizmente a resposta tem sido sempre positiva.

Costuma vir aos Congressos com o seu marido, que é igualmente adventista. Perguntando-lhes um ano se não tinham preferido ficar na aldeia em vez de virem ao Congresso, responderam: «Para nós, a Palavra de Deus é a coisa mais importante. Viemos para ouvir a Palavra de Deus».

Finalmente, desejo apresentar-vos o velho *Chihini*, lá dos Bundas, das «terras do fim do mundo». Foi baptizado em 1959, perto de Gago Coutinho. Fora um respeitado adivinhador-curandeiro, que fazia parte do conselho do soba Suana-bambi, nosso amigo. Apesar das suas artes devinatórias e terapêuticas, não conseguiu evitar que sua esposa e dois sobrinhos falecessem dentro de curto espaço de tempo. Vendo a inaniidade das suas superstições, voltou-se então para Cristo. Em 1956, entregou todos os seus feitiços, e começou a estudar a mensagem evangélica. No Congresso em que foi baptizado, constituiu uma inspiração para todos os assistentes a atenção com que ele seguia todas as pregações e o testemunho que deu da sua alegria por conhecer o Salvador.

Na presença destas pessoas transformadas pelo Evangelho, e escolhidas como exemplos típicos entre tantos que poderíamos apresentar, sejam lícito formular uma simples pergunta:

— Terão alguma utilidade as missões adventistas para libertar os nativos de suas práticas supersticiosas?

O leitor responderá por nós.

**E. FERREIRA**  
Director-Geral das Missões  
Adventistas em Angola



Casa de um mestre adventista quioco

Raparigas alunas ajudantes de enfermeiras  
de Hospital do Bongo





Preparo para a Escola Primária

**N**AS decantadas ilhas de Cabo Verde, retalhos de Portugal em pleno Atlântico, continuamos com a ajuda de Deus, reconhecimento das autoridades e a colaboração da população, o nosso trabalho, altruista e desinteressado, que tem por objectivo Evangelizar, estas preciosas almas, para que também o sacrifício de Jesus Cristo não seja improficuo.

Nas quatro mais importantes ilhas deste Arquipélago, S. Tiago, S. Vicente, Fogo e Brava, temos nós como Adventistas do 7.º Dia, trabalho devidamente organizado (escolas e Igrejas), havendo ainda membros isolados em S. Antão e S. Nicolau.

Estão-se esforçando os nossos Missionários, por realizar trabalho aceitável, auxiliando estas preciosas almas a se livrem dos seus precon-

# MISSÃO

DE

# CABO VERDE

ceitos, credices, e demais superstições ainda tão radicados na índole de tanta gente, sobretudo nos meios menos acessíveis e portanto propícios a estas especulações psíquicas.

Embora o trabalho se faça um tanto morosamente, são mesmo assim visíveis alguns resultados práticos, e o pensamento que nos anima é o de continuar, e cada vez com mais zelo, coragem e fé, sabendo que nesta tão altruista campanha somos auxiliados e mantidos por Deus através do Seu Santo Espírito.

Uma das nossas preocupações, é a que se liga de perto à situação das crianças, e consequentemente a sua instrução. É por isso que hoje dispomos de 4 escolas primárias, funcionando em S. Vicente, Curral Grande (Fogo), Praia e Brava. Esforçam-se os nossos professores por os auxiliarem tanto quanto possível, não apenas no ensino das primeiras letras, como ainda, dispensando-lhes verdadeiro carinho e amparo, pois é só assim que se compreende que tenhamos anualmente uma frequência de 170 alunos aproximadamente.

Não são as nossas escolas exclusivas, apenas a filhos de membros de Igreja; as suas portas encontram-se franqueadas a todos e quaisquer

Alguns trajos da Guiné



Os primeiros crentes da Guiné



alunos, qualquer que seja a sua cor, posição, ou crença religiosa. Como o bom samaritano procuramos, dentro das nossas possibilidades, auxiliar a todos.

Creio firmemente que estão chegados melhores dias para o nosso trabalho nesta Missão, e em vez de recuarmos ou diminuirmos os nossos esforços, procuramos aumentá-los e desenvolvê-los. Cristalizando esta ideia, podemos anunciar que estamos a construir, em Curral Grande (Fogo) um *Templo - Escola - Residência*. Com esta realização honraremos grandemente nesta ilha o nosso já desenvolvido trabalho. Esperamos construir ainda este ano, um edifício próprio, para colocarmos a nossa sede na cidade da Praia.

Contamos também estabelecer trabalho, num futuro mais ou menos próximo, na nossa Província da Guiné, único rincão português, onde ainda não estamos representados. Motivos alheios à nossa vontade ainda não permitiram que este nosso desejo se realizasse, mas contamos que ele esteja para breve realização. De resto foi este o pensamento que trouxe, ao falar em tempos com Sua Ex.<sup>a</sup> o Governador, Comandante Peixoto Correia.

Cabo Verde não é apenas a terra das «mornas» e «coladeiras» e embora seja um povo jovial e alegre, sente no entanto e tem desejo de auxiliar as obras cristãs. Disso somos nós testemunhas,

## A IGREJA ADVENTISTA E A NAÇÃO PORTUGUESA

(Continuação da pág. 1)

tuguesas, são cristãos coerentes que passam a considerar Portugal como a sua segunda Pátria, devotando a vida ao bem dos que necessitam do seu auxílio, como outrora fez o Bom Samaritano da parábola de Jesus.

Há algum tempo atrás faleceu nos Estados Unidos, sua pátria de origem, Miss Ruth Johnson, enfermeira adventista que ao bem-estar dos Portugueses de Angola, dedicou 25 anos de trabalho, a saúde e finalmente a vida. Antes de falecer exprimiu assim os sentimentos da sua alma cristã: «Dedico o sacrifício da minha vida à paz na terra portuguesa de Angola».

Deus ouviu certamente a sua prece. E estou certo de que, quer em Angola, quer nas outras parcelas do Ultramar Português, as missões adventistas continuarão a realizar com a ajuda de Deus e à sombra da Bandeira das Quinas, a sua evangélica obra de bem-fazer à alma e ao corpo de todos os portugueses sem distinção de raças ou de credos.

**SAMUEL RIBEIRO**



As crianças da Escola Primária em S. Vicente, Cabo Verde

pois todos os anos, no nosso habitual trabalho de venda da revista suplemento «Revista das Missões», temos sido auxiliados por muitos e com satisfação.

É por isso que mais uma vez contamos com o vosso generoso auxílio e confiamos em Deus, que a exemplo dos anos anteriores, também este ano não regateareis o vosso óbulo sincero e franco. Ajudando os outros estamos a ajudar-nos a nós mesmos.

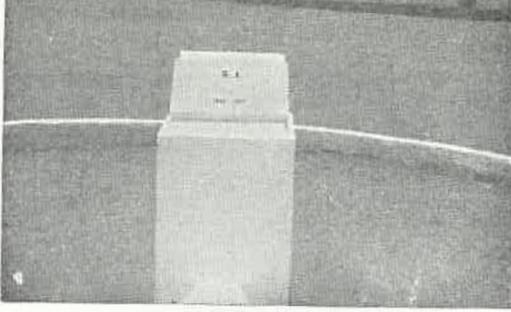
Agradecimentos sinceros de

**MANUEL LARANJEIRA**  
Director da Missão de Cabo Verde

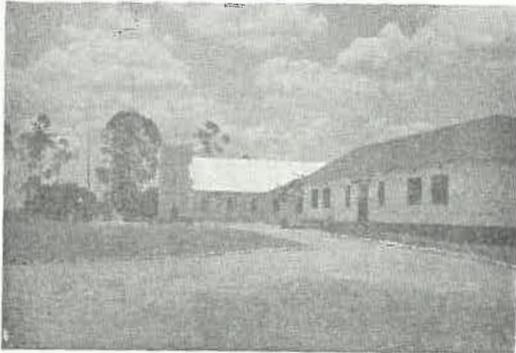
Grupo de jovens de uma catequese



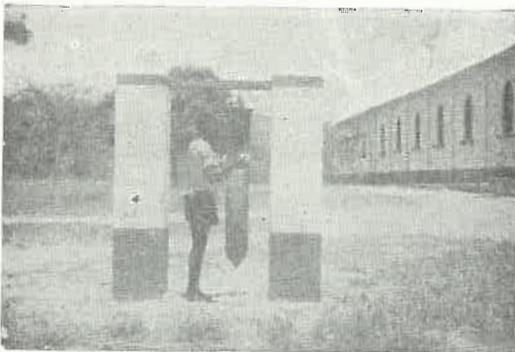
# A obra missionária em Moçambique



Placa dos 25 anos da Missão



Escola e Igreja da Missão



Chamando para a escola em Mungulúni



**É** frequente falar-se da obra escolar e de assistência levada a cabo pelas Missões Adventistas, mas esquece-se, por vezes voluntariamente a valiosa obra de transformação que se opera nas massas indígenas quando se convertem. Pretende-se assim menosprezar um trabalho que não sendo fácil de realizar traz benefícios incalculáveis ao País.

Pretende-se, pois, através da Evangelização, ou mais vulgarmente da catequese, fazer compreender ao indígena, no seu meio ambiente, a vantagem de uma transformação que abranja todos os sectores da sua vida. Assim ao chamarmos o indígena para Cristo, fazemo-lo através de um processo necessariamente moroso (pelo menos dois anos) e através do qual se vão observando os progressos e aperfeiçoamentos que vão culminar na entrada na Igreja, como membros.

Desejamos que os prezados leitores, que tão bondosamente para ela contribuem, possam observar nas linhas seguintes, alguns dos aspectos dessa transformação.

Costumamos ver, pelas estradas, e mesmo dentro de povoações, mulheres com um simples pano em volta da cintura, e todo o resto do corpo nu. Há pois que fazer compreender às mulheres, e estas são sempre as mais difíceis de conquistar, a vantagem da limpeza e a posse dum pouco de pudor. Trazendo-as à Igreja elas sentem uma diferença entre o seu traje e o das crentes já antigas, com os seus vestidos lavados e jeitosos, os seus lenços multicores, os seus sapatos. Reflecte-se imediatamente nos filhos, os mesmos cuidados e aperfeiçoamentos. A mulher que chegou, agora procura imitar as outras e vai obtê-lo através de maior quantidade de trabalho dispendido, de aumento de sementeiras, de melhor administração do dinheiro. Quantos alunos, que vieram para a nossa escola, com um simples pano roto em volta da cintura, procuram trabalhar ou pedir aos pais que lhes enviem de começo

# ria adventista bique

um calção e uma camisola e mais tarde, a camisa, a calça, os sapatos, etc.

O próprio homem, que começou a usar um calção e uma camisola, breve está a usar o seu fato, os seus sapatos, o seu chapéu. E este aspecto exterior, que alguns desejam desprezar, e mesmo menosprezar apelidando os seus possuidores de «calcinhas», é o começo de uma vida de progresso, que não terminará. Para fazer face a este progresso, há que obter meios que: ou vêm de maiores culturas, portanto correspondente a maior trabalho produzido, e portanto maior movimento para o comércio e indústria, ou resulta de salários por melhores serviços prestados a outrem.

Juntamente com o progresso no vestuário, sente-se o progresso na casa. De uma pequena palhota circular, com uma porta de ramos de palmeira, e com um pequeno postigo quando existe, passará para uma casa rectangular, mais ampla, com vários compartimentos, com janelas e portas onde são usados já o vidro, e que exige já também uma cozinha para a confecção de alimentos, que antes eram feitos na casa única. Surge também a tulha ou armazém, para os alimentos de reserva que antes eram guardados no canto da casa. Há agora necessidade de um lugar para tomarem banho e outro para retrete. As árvores de fruto, as hortaliças começam a ter um lugar perto da casa e as flores são colocadas em canteiros que alegam o ambiente. Os móveis tornam-se necessários à nova casa.

A alimentação modifica-se também. Antigamente caçavam os ratos as cobras e com um pedaço de massa de mandioca constituia a sua alimentação, servida por vezes em folhas de bananeira e comida à mão. Depois exigem-se novos produtos — as hortaliças, os frutos, os tubérculos.

(Continua na pág. 15)



Grupo de jovens gentios casados



Monitoras da Escola Sabatina na Central de Mirrita



**J**ESUS, o nosso bendito Salvador, prometeu, solenemente, que voltaria. «...Virei, outra vez, e vos levarei para mim mesmo...» assim Ele afirmou, conforme se encontra divinamente registado no capítulo 14 do Evangelho de S. João, no versículo 3.

Toda a família cristã afirma unânime e pacificamente a Volta gloriosa do Salvador, consoante a expressão do *Credo* ou *Simbolo dos Apóstolos* «Et iterum venturus est cum gloria» — (E de novo há-de voltar com glória).

Embora não saibamos nem o dia exacto, nem a hora da sua gloriosa Vinda, podemos, contudo, afirmar com a mais rotunda e oracular das certezas que «Jesus virá» e que a «sua Vinda está iminente».

Em assunto de tanta monta o Salvador não podia quedar-se reticente, dúbio ou indiferente.

Interrogado, explicitamente, pelos discípulos que ansiosos inquiriam da sua Vinda, Jesus não lhes indicou o momento exacto, preciso, de amanhã, mas deu-lhes os sinais iniludíveis que anunciariam, clara e inofismavelmente, a sua Vinda.

Por isso, embora, hoje, ignoremos o dia e a hora precisa da sua Volta, contudo, toda uma cadeia de acontecimentos que se estão desenrolando perante os nossos olhos, testemunham, à saciedade, que o Senhor Jesus está às portas.

O nosso divino Salvador deu-nos numerosos sinais da sua Vinda, para que não só nós mesmos estivéssemos devidamente preparados, mas para que contribuíssemos, também, para lançar o grito de alerta nas sombras desleixadas e indiferentes da noite de trevas, em que a pobre humanidade se encontra mergulhada.

Jesus quer que estudemos, que meditemos, atenta e diligentemente, esses sinais que nos indicam, como precursores, a sua gloriosa Vinda.

São eles vários e múltiplos; apreciados no seu conjunto não deixam a menor dúvida de que nos encontramos, realmente, nos tempos do fim.

Os últimos ensinamentos de Jesus, antes da sua Paixão foram consagrados àqueles tempos de tribulação que hão-de preceder a sua Volta. Basta recordar os capítulos 24 e 25 de S. Mateus, 13 de S. Marcos e 21 de S. Lucas. Todo o ensino de Jesus sobre aqueles grandes e temerosos dias finaliza pela instante exortação a que nos conservemos em velada: «Vigiai, pois! Isso digo a todos: Vigiai!»

O testemunho dos Apóstolos sobre a Volta do Salvador também é unânime e frequente. S. Paulo teve a constante preocupação de orientar a fé, a esperança e ainda o amor dos primeiros cristãos para a Volta do Senhor. Recordem-se as Epístolas aos Tessalonicenses, a Timóteo, assim como as Epístolas de S. Pedro.

As mais belas promessas são feitas àqueles que *amam a Vinda de Jesus*: II Epístola a Timóteo, cap. 4, versículo 8.

Através dos séculos a tradição cristã nunca perdeu de vista esse maravilhoso acontecimento que culminará a História da Humanidade e que é a Volta do Salvador.

# «JESUS, o vai

A Idade Apostólica pensou nele continuamente. A Idade Média chegou a preparar-se, aflitivamente, para ele, quando na entrada do ano mil se convenceu de que chegara o fim do mundo. A Idade Moderna entoa-lhe um magnífico hino de fé nesse admirável *fresco* de Miguel Ângelo, «O Juízo Final». A Idade Contemporânea espalha, por toda a parte, através da obra missionária, a pregação do Evangelho — um dos grandes sinais da Volta do Salvador, conforme a sua promessa: «Este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim». (S. Mateus 24:14).

Nesta nossa Idade — a Idade Atómica — avultam de maneira inofismável os sinais preditos por Jesus, sinais estes que anunciam que a sua Vinda está iminente.

Consideremos, apenas, alguns destes sinais.

*Guerras e rumores de guerras.* (S. Mateus 24:6). Interrogado pelos discípulos sobre a maneira de se identificar o tempo da sua Volta e do fim do Mundo, Jesus respondeu enumerando toda uma série de acontecimentos que então se verificariam; um dos primeiros, que mencionou, foi, precisamente, o incremento das guerras, o levantar-se «de nação contra nação, reino contra reino». Aqui temos um dos sinais que talvez não careça de ser documentado!

Muitas nações têm mudado de linguagem, não usando já os termos cortesês, académicos, mas, pelo contrário, servem-se de palavras de ameaça e de intimidação. Todos sabemos que uma grande parte das melhores conquistas do génio humano foi posta ao serviço das forças armadas das nações. As despesas militares ocupam o primeiro lugar nos orçamentos. A defesa das fronteiras, das instalações-chaves, dos centros de comunicação, etc., tornou-se uma obsessão para os governos de muitos países, sob a pressão de «rumores de guerra», de que fala o Evangelho.

E com todas estas coisas à vista, continuam-se a procurar acordos químicos, mediante encontros diplomáticos, entrevistas, conferências «de alto e de altíssimo nível»...

Mas, até que não se faça um esforço decidido para dissipar a atmosfera de suspeitas, que reina entre os homens, todas as tentativas de pacifismo se malograrão. A paz, como *antítese da guerra* só a poderemos encontrar n'Aquele que disse:

# Salvador, voltar»...

«Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou, como o mundo a dá». (S. João 14-27).

*Sinais na ordem social* — Bastam poucas considerações para se verificar que estamos, verdadeiramente, nos tempos do fim.

Por toda a parte se nota um aumento conflagrador da delinquência sob todos os seus aspectos, nomeadamente, entre a juventude. E por quê? Talvez se possam apontar, entre outras, as seguintes causas: a decadência dos valores morais; a desintegração da família; as teorias pedagógicas indulgentes; a influência perniciosa da literatura e do cinema de más qualidades. Os efeitos de todas estas calamidades são dos mais eloquentes, infelizmente. Fica-se dolorosamente surpreendido quando se vem a saber que os autores de crimes repugnantes são menores de treze e catorze anos; quando vimos a saber da descoberta de organizações juvenis para a prática de assaltos criminosos de toda a espécie.

É singularmente doloroso analisar tal estado de coisas; mas afinal, não são nenhuma surpresa. Basta recordar o que S. Paulo escreveu há 1900 anos: «Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos; porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afecto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites, do que amigos de Deus». (II Timóteo 3:1-4).

Este passo bíblico, escrito, há quase vinte séculos, parece um relato social dos nossos dias.

E a estes desoladores sinais ainda poderemos acrescentar tantas outras perturbações: o atrito entre o operário e o patrão (S. Tiago 5:1-4); um estado geral de angústia entre os homens (S. Lucas 21:25, 26); os escarnecedores da promessa bíblica da Volta de Jesus (II S. Pedro 3:3, 4).

*O Evangelho do reino levado a toda a Terra.* O maior sinal de todos que anunciam a Volta do Salvador é o da pregação do Evangelho, por toda a parte. Estamos vivendo, plenamente, este grande sinal: a proclamação da Vinda gloriosa de Jesus, a todo o mundo e a todas as partes do globo para advertir os habitantes da Terra de que Jesus vai voltar.

Tal mensagem constitui o sinal mais certo da proximidade da Volta do Salvador. Jesus assim o disse, como se leu atrás: «Este Evangelho do reino será prègado, em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim». (S. Mateus 24:14).

As maravilhas da ciência moderna têm permitido dar cumprimento a estas proféticas palavras. E a imprensa desentranhando-se em milhões incontáveis de publicações de toda a espécie, que são espalhadas por toda a parte, anunciando o Evangelho, o *Evangelho do Reino*, com as suas novas do regresso iminente do Salvador. São os meios de transporte que rãpidamente levam, para toda a parte, a literatura e o missionário.

Estamos vivendo nesta nova era de missionarismo, em que a Palavra de Deus é impressa e disseminada, traduzida em centenas de línguas e posta ao alcance de milhões de pessoas.

Os missionários têm penetrado em todos os recantos do mundo. Têm-se estabelecido e aperfeiçoado dezenas e dezenas de organizações missionárias movidas pela determinação de iluminar todo o mundo com a glória do Evangelho, desse *Evangelho do Reino* que é, precisamente, o que anuncia que o Salvador vai voltar.

Que tarefa tão grandiosa, a de contribuímos para apressar a Vinda gloriosa do Senhor Jesus! Marcará ela, essa gloriosa Vinda, o fim de todas as misérias, de todas as calamidades que afligem este nosso pobre planeta, pois que, com a implantação do Reino de Jesus desaparecerão, para todo o sempre, o mal, o pecado e a morte.

Na medida em que amarmos a obra da expansão missionária é que demonstraremos o nosso amor por Jesus.

Assim apressaremos a Volta do Senhor Jesus e com ela o estabelecimento do seu Reino de amor, de paz, por toda a eternidade.

A. J. CASACA

Director-Geral das Missões  
na União Portuguesa



# A OBRA DAS MISSÕES NO ULTRAMAR PORTUGUÊS

«Somos e seremos uma Nação oceânica e missionária, implantada em quatro continentes e estruturada na integração de diferentes raças e culturas. Se o nosso berço foi o Ocidente a nossa Pátria é universal.

Defenderemos, através de tudo, esta nossa própria existência, mas também na certeza de que representamos o sistema mais perfeito de convivência racial e fraternidade humana que a História conheceu, a única fórmula capaz de permitir ao mundo a verdadeira paz étnica e social.

Haja o que houver estaremos sempre prontos para tudo, não descansaremos em promover, por todos os meios, o bem-estar do nosso povo e o engrandecimento da nossa Pátria.»

Estas palavras que Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Almirante Sarmiento Rodrigues, ilustre Governador-Geral de Moçambique, dirigiu à população da Província na sua mensagem de Ano Novo, enquadram-se perfeitamente no vasto programa missionário levado a cabo pelas missões adventistas, nas nossas Províncias ultramarinas.

Primeiro grupo de crentes batizados em Mabote



Desde há muito que as populações nativas e europeias, do Ultramar português, se habituaram a considerar e a estimar os missionários adventistas que, através da sua acção missionária e civilizadora, nas múltiplas modalidades de assistência, sobretudo às populações nativas, mantendo instituições a todos os títulos notáveis, colaboram com o Governo da Nação, com notável dedicação e desinteresse próprio, tudo fazendo para maior honra e glória de Deus e engrandecimento de Portugal nestas paragens.

Além das medidas oficiais e de todo o esforço empreendido pelas nossas autoridades através de todos os organismos que operam nas Províncias africanas, com o fim de valorizar a terra e elevar o nível material e cultural das populações, nenhuma contribuição nos parece mais útil que aquela que prestam os missionários através das instituições criadas para esse fim:

Ensinar, curar e pregar o Evangelho da Salvação em Nosso Senhor Jesus Cristo, tal é a importância do programa e a grande razão de ser de todo o esforço missionário.

O Dr. Pinto Ribeiro, que fez da sua profissão de médico, um verdadeiro sacerdócio, nestas paragens, atribuiu à ignorância e à indolência dos nativos os principais factores da sua miséria.

Nem todos podem dar-se, facilmente, conta do pesado encargo que constitui a obra missionária nos moldes em que opera a Igreja Adventista. As necessidades crescem constantemente, quer com as escolas superlotadas, quer com o crescente aumento do número de doentes que procuram os nossos hospitais e dispensários, quer ainda com os insistentes pedidos, que nos chegam de diversos lugares, a fim de alargarmos até eles a nossa acção beneficente e cristã.

A variedade e a extensão do nosso trabalho exige cada vez mais um maior número de obreiros.

# Um médico norte-americano Adventista, residente em Angola, pede a naturalização portuguesa

A imprensa local de que se fez eco a portuguesa relatou, em grandes títulos o pedido da naturalização portuguesa de um notável médico adventista americano, residente em Angola.

Trata-se do Dr. David Parsons, que presta serviço no Hospital Adventista do Bongo.

É filho do famoso cirurgião adventista americano Dr. Roy Parsons, director daquele hospital.

O Dr. Roy Parsons é conhecido em todas as partes de Angola não só como distinto cirurgião, autor de incontáveis operações cirúrgicas, coroadas do melhor êxito, mas também, pela sua afabilidade e caridade que derivam, justamente, do seu múnus missionário.

Ainda há poucos meses, a imprensa se referiu ao facto de, estando ele a pronunciar uma conferência em Benguela ter sido chamado, urgentemente ao seu Hospital do Bongo para efectuar uma intervenção cirúrgica; para lá se dirigiu,

fretando um avião, podendo, assim, salvar a vida da doente.

O filho, Dr. David Parsons é um dos melhores auxiliares do pai, nos serviços evangelísticos e clínicos daquela região. Amando entranhadamente Angola bem o acaba de demonstrar pedindo às autoridades a naturalização portuguesa, disposto a prosseguir ali a obra evangelística e médica e tornando-se assim credor da nossa admiração.

O Hospital Adventista do Bongo continua a ser procurado, tanto por nativos como por europeus e prossegue na sua obra admirável de aliviar os sofrimentos do corpo ao mesmo tempo que procura salvar as almas.

A. C.

O Dr. Roy B. Parson com um dos filhos,  
também missionário no Hospital do Bongo

ros: professores, enfermeiros, médicos e missionários. Apesar da liberdade da parte do povo adventista pela obra das missões, os recursos de que dispomos não são suficientes para atender às necessidades cada vez maiores. Assim, confiadamente no nunca desmentido auxílio e interesse da parte de tantos benfeitores e amigos de tão meritória obra, ousamos dirigir mais um apelo para que nos confieis o vosso óculo na certeza que contribuireis para a grande obra da salvação de corpos e das almas pelas quais Cristo morreu no Calvário.

MANUEL LOURINHO

Director-Geral das Missões Adventistas  
em Moçambique



# QUERO SER CRISTÃ

CARLOS A. ESTEVES  
Missão do Cuale

**Q**UERO contar-vos o caso duma mulher que vive nas imediações da Missão.

Hebo Ginga, assim se chama a mulher, como tantas outras desta grande tribo Ginga, vive agarradas às tradições dos antepassados, e que são muitas, mantêm velhos hábitos perniciosos para a sua vida e pratica a feitiçaria.

Embora tivesse mandado seu filho para a escola da Missão, nunca se interessou pela mensagem da Salvação.

Todos os sábados de quinze em quinze dias, os alunos da escola saiem a fazer trabalho missionário pela aldeias em volta da Missão.

A aldeia desta mulher era visitada também, assistindo ela às reuniões mas não mostrando o mais pequeno interesse.

Mas os caminhos de Deus, não são os caminhos dos homens.

Dum momento para o outro, esta mulher começou a vir à Missão todos os sábados, assistindo à Escola Sabatina com todo o interesse.

Depois de estar presente quatro sábados seguidos, entregou ao professor nativo vários objectos estranhos, com os quais praticava a feitiçaria.

Estes objectos, que agora estão na minha mão, são os seguintes: Uma vela; um espelho pequeno; um colar com búzios e botões, uma cruz, uma casca de caracol e missangas; um cinto de pano com botões pregados e onde há um pequeno saco com um pó especial.

Dois paus de vinte centímetros cada, tendo cada um duas cascas secas dum fruto do mato, ocas e com pequenas sementes dentro.

Tudo isto é preciso para consultar os espiritos.

Como procede ela para a prática da feitiçaria?

Coloca o colar dos búzios na cabeça e o cinto de pano em volta do corpo; depois põe o espelho no chão e ajoelha-se na frente dele.

Com os dois paus das cascas ocas na mão, agita-os para que façam barulho e vai cantando uma música especial.

Vai olhando para o espelho para ver quando vem o espirito, que lhe dirá a sentença que ela deve dar.

O cliente que a vem consultar traz a vela que ela acende durante a prática de feitiçaria. Quando a vela está metade queimada a feitiçeira apaga-a e guarda o resto.

Passado tempo, o cliente volta novamente para saber o resultado, mas traz uma cabra para a feitiçeira. Mata a cabra, e com um pouco de sangue desta, pinta a vela que depois, enterra com um pouco de carne. Com esta cerimónia, acreditam que a vela matou a pessoa da família que queria mal ao queixoso.

Pois esta mulher, fez a entrega destes objectos, dizendo:

— Não quero mais isto. «Quero ser cristã».

Como esta mulher vivem muitas outras nesta grande tribo, para quem o Evangelho de Deus, é também poder para a salvação.

É para poder levar o conhecimento do amor de Deus a estes povos com estes costumes pagãos, que nós apelamos para todos aqueles que amam a Deus e ao próximo.





Fazendo um curativo — Bongo

— Quem me dera ser adventista! Mas...

Quem repetia para si próprio estas palavras era um rapazinho de 11 anos, chamado Sawajinga, que vivia numa aldeia quioca: lá para o extremo oriental de Angola. Inteligente e observador, muitas vezes estabelecia o contraste entre a vida pagã da sua família e a vida cristã de seus amigos adventistas. A sua aldeia era suja, as casas de pau a pique, as pessoas mal vestidas, as crianças não tinham escola aonde ir. Na vizinha aldeia adventista, tudo parecia diferente: as casas eram construídas de adobos, alinhadas e caiadas, A aldeia era limpa, sem porcos a vaguearem e a entrarem pelas casas, as pessoas andavam lavadas e vestidas decentemente, as crianças iam à escola e à igreja e pareciam tão felizes!

Quanto ele desejava poder ir também à escola e aprender a ler e a escrever. E, acima de tudo, quanto desejava aprender acerca de Jesus e da maneira cristã de viver.

Quando andava no campo a pastar os bois do pai, ouvia outros rapazes a cantar hinos. Como ele gostava daqueles hinos! Como ele invejava a alegria que pareciam ter os que os cantavam! Mas...

Este «mas» referia-se à oposição que fazia o pai a semelhante ideia. Já lhe tinha pedido para o deixar ir um Sábado à aldeia adventista assistir à Escola Sabatina e ao Culto. Mas o seu pedido foi acolhido com oposição e ameaças.

Um Sábado, Sawajinga não pôde resistir e foi às escondidas à Escola Sabatina, mas não tão às escondidas que o pai o não descobrisse. Este foi ali encontrá-lo, ralhou-lhe, puxou-lhe as orelhas e levou-o à força para casa.

Sawajinga sabia que a cinquenta quilómetros desta aldeia ficava outra aldeia adventista. Um pensamento fixo absorvia agora a sua mente: fugir para aquela aldeia e viver com os adventistas.

Se assim pensou, melhor procurou executar o seu plano. Certa manhã, fugiu a pé em direcção àquela aldeia. Quando já tinha percorrido vinte quilómetros e estava junto de um rio de águas

# A vitória de Sawajinga

limpidas e transparentes, como são os lindos rios daquela região, preparava-se para tomar banho, quando apareceu seu pai, que de bicicleta tinha vindo à sua procura. Ficou horrorizado e não sem motivo. Depois de o exprobar e espancar, o pai prendeu-o com uma corda e fez que ele corresse atrás da bicicleta. Sawajinga corria quanto podia, mas em breve se cansava e caía. O pai voltava a bater-lhe e a corrida continuava. Depois de muito ter caído, de muito ter sido batido e de

(Continua na pág. 15)

Bongo — Curativo



# Um vaso

**D**URANTE a minha vida missionária, tendo residido, por algum tempo em uma progressiva cidade de Angola, numa certa ocasião, alguém bateu à porta de minha casa. Um rapazote indígena mal arranjado e cheirando terrivelmente a tabaco, procurava trabalho. O seu aspecto denotava algo de degradação moral e de miséria. Ele procurava serviço porque tinha fome.

Mais por compaixão, do que por necessitar dos seus serviços, minha mulher admitiu-o como servente, pensando que ele se não manteria no trabalho durante muito tempo.

Atraído pelo modo cristão e caritativo com que era tratado em nossa casa, B. S., como se chamava o nosso herói, permaneceu ao serviço sem qualquer falta de assiduidade, fazendo diligentemente tudo de que era encarregado.

Não se tratava de um vadio ou de qualquer vagabundo, pelo contrário. Apesar dos vestígios

O dever de curar



de degradação, que no primeiro contacto nos patenteou, o nosso rapaz mostrava possuir alguma coisa de apreciável, tinha uma certa personalidade. Tudo o que fazia era bem feito e era de poucas falas, mas cortês, qualidade esta que muito apreciávamos.

A única coisa que ainda o desilustrava, era o vício de fumar, sempre que o podia fazer a ocultas, sem conseguir banir o cheiro característico de tão mau costume.

Assim permaneceu durante uns três meses, trabalhando em nossa casa naquela cidade, no-

## escolhido

tando-se todavia no B. S., uma certa transformação nos seus hábitos, graças à nossa influência de família cristã e missionária.

Quando, então, decidimos seguir para a nossa Missão do interior do Moxico, o nosso rapaz quis acompanhar-nos até ao sertão. Queria aprender a ler, a instruir-se; e, assim sucedeu.

Além de analfabeto, o S. falava muito pouco o português.

Naquela missão, sempre ao nosso serviço como criado, recebeu de minha filha de treze anos, as primeiras lições de leitura e escrita. Quando já conseguia ler com certo desembaraço, o B. S. quis matricular-se na escola da Missão. Após três anos de estudo, obteve passagem em exame de admissão ao Instituto de Treino do Bongo, centro de preparação de obreiros evangelistas nativos. Não desejo esquecer de mencionar o facto de que, o S. foi baptizado um ano depois de ter chegado connosco à Missão para aonde o leváramos.

Agora, o nosso protegido tinha por grande ambição da sua vida, ser pregador do Evangelho entre os seus irmãos de raça. Depois de quatro anos de estudo naquela bela instituição, o B. S. recebeu o seu diploma juntamente com outros colegas.

Hoje, aquele que outrora fora bebedor e fumador inveterado, rapaz esfarrapado e de mau aspecto, é um evangelista notável no interior daquelas longínquas terras do Moxico, entre uma tribo diferente da sua, falando outra língua; é um umbundo anunciando as Boas Novas aos Quiocos.

Aquele belo acto de bem receber um pobre andrajoso em nome de Cristo, trouxe-nos o inefável prazer, de bem encaminhar a quem nos era trazido, talvez, por um Mensageiro do Senhor. Ele era «um vaso escolhido»...

V. CHAVES

# A obra missionária adventista em Moçambique

(Continuação da pág. 7)

O milho é cozido, as batatas doces assadas, e procura-se o peixe seco, a carne, e mesmo as conservas e até o pão. E num dia de festa, as lojas, apresentam já alimentos especiais que eles vão também buscar e consumir.

Tudo isto traz, uma remodelação é um progresso em todos os sectores da vida no País. São industriais que surgem, é o comércio que se desenvolve, é a agricultura que aumenta e se aperfeiçoa; e mais do que isso, é a transformação de entes inúteis em cidadãos úteis e produtivos.

É este o progresso que alguns não apreciam e que pensam mesmo, são prejudiciais aos seus interesses. Juntamente com esta transformação, e na base dela, está a transformação interior que só é possível quando Cristo faz parte da nossa vida. É somente nesta base que é possível a existência duma sociedade multirracial, onde cada um se respeite, trabalhe e progrida.

O preto deixando os feiticeiros e buscando o auxílio médico que se lhe oferece, deixando a sua vida atrasada e buscando outra melhor, convivendo com o branco em sociedade, deixando o álcool e outros elementos prejudiciais ao seu organismo, praticando a religião no seu lar, no seu trabalho, na sua vida, eis pois o magnífico trabalho que a Missão Adventista em Moçambique está realizando há mais de um quarto de século, e que juntamente com o trabalho médico e escolar tem permitido a colocação de alguns milhares de homens e mulheres em condições de serem úteis à sua Pátria.

**J. A. MORGADO**

Tratamento no Dispensário de Mungulúni



Ilustrando as lições do Evangelho

## A vitória de Sawajinga

(Continuação da pág. 13)

muito ter corrido, chegaram finalmente à sua aldeia. Aqui o pai deu expansão completa à sua ira, e teria sem dúvida morto o filho se sua esposa não tivesse intervenido.

Os dias foram passando. Sawajinga não fazia já nenhuma tentativa para fugir a fim de assistir aos cultos adventistas. Certo Sábado, quando levava os bois para pastar, parava de vez em quando a fim de ver os adventistas que iam satisfeitos para a Escola Sabatina. O pai observava-o. Aproximou-se dele e disse-lhe, em tom amigável:

— Porque é que páras de vez em quando? Querias ir também?

Sawajinga estava estupefacto. Sem dúvida Deus tinha tocado no coração de seu pai.

— Sim, gostaria muito de ir.

— Então podes ir à vontade.

Sawjinga foi, e desde então até hoje nunca faltou nenhum Sábado à Escola Sabatina e ao Culto.

Passou-se isto há pouco mais de dois anos. Desde então, começou a frequentar a escola diária adventista, entrou na Classe de Ouvintes e depois na Clases Baptismaal, e na última cerimónia de baptismos realizada naquela aldeia ele tomou lugar entre os que então desceram às águas dando testemunho público da sua fé em Jesus.

Entre as pessoas que com alegria assistiram a essa cerimónia, sabem quem se encontrava? Seu pai, que se está actualmente preparando para dar o mesmo passo.

Sawajinga tinha ganho a vitória.

Como este jovem, há muitos em Angola desejosos de seguir nos caminhos de Jesus, e que apenas aguardam a oportunidade de entrar numa escola nossa e de frequentar as nossas reuniões. Não desejais ajudar para que a mensagem adventista seja levada a outros jovens que, como Sawajinga, venham a conhecer Jesus?

**IRENE LUCINDA**



O novo templo de Nova Lisboa — Angola

## A OBRA ADVENTISTA A FAVOR DOS EUROPEUS EM ANGOLA

Naturalmente que não são desleixados os interesses espirituais. Nalgumas das principais cidades de Angola há igrejas europeias. Em 1951 começou a funcionar a igreja europeia de Luanda, que se reúne num salão sito na Rua Tavares de Carvalho, 84.

Em Benguela ergue-se desde 1955 um formoso templo, onde a congregação europeia se reúne regularmente.

Moçâmedes tem uma congregação europeia desde 1954, outrotanto sucedendo a Sá da Bandeira, desde 1958.

Desde há anos que em Nova Lisboa existia um pequeno núcleo de adventistas europeus, núcleo esse que foi aumentando, a ponto de se tornar necessária a construção de um amplo templo, que foi inaugurado em Julho de 1961, com a presença das autoridades mais representativas do Distrito.

A fim de alcançar os europeus da Província que não têm oportunidade de frequentar as Igrejas adventistas, a «Voz da Profecia» é transmitida todas as semanas através das seguintes estações emissoras: aos domingos, pelo Rádio Clube de Moxico; às segundas, pelo R. C. de Benguela; às terças, pelo R. C. do Huambo; às quartas, pelo R. C. de Moçâmedes; às quintas, pelo R. C. de Malange; às sextas, pelo R. C. da Huila.

A par destas emissões, a mensagem é levada aos lares de todas as pessoas interessadas por meio de um Curso Bíblico por Correspondência, conhecido por «Escola Rádio-Postal», que conta elevado número de alunos.

A Igreja Adventista está dando os primeiros passos para a criação de escolas para europeus: há planos para a abertura de uma escola primária em Benguela e outra em Nova Lisboa. Nesta cidade, planeia-se mesmo abrir uma escola secundária.

Vemos, assim, que a Igreja Adventista está empenhada num vasto plano de trabalho que, abstraindo de todos os preconceitos e com plena consciência das realidades, tanto se estende a favor dos nativos como dos europeus.

E. FERREIRA



Grupo de jovens de Sá da Bandeira

NA sua benéfica acção missionária, a Igreja Adventista tem sempre procedido alheia a qualquer programa político e sem qualquer discriminação de raças.

É certo que a sua actividade se tem predominantemente dirigido, como aliás a de todas as organizações missionárias, no sentido do melhoramento espiritual, moral, social e físico das populações nativas. E a maneira como hoje vivem os muitos milhares de nativos de Angola que aceitaram a mensagem adventista prova que essa actividade não foi em vão.

Mas as Missões Adventistas não limitaram o seu interesse aos nativos. Desde há longos anos, estenderam à população europeia o mais entusiástico desejo de bem servir.

É assim que desde 1931 se instalou no Bongo um médico-missionário que, prestando aos indígenas proficiente assistência, pudesse simultaneamente exercer a clínica em favor dos europeus. Para esse efeito, depois de se ter formado numa das mais afamadas Faculdades de Medicina dos Estados Unidos, o Dr. Roy B. Parsons repetiu o curso médico na Universidade de Lisboa. Se os seus serviços têm ou não sido úteis, quer no campo da Clínica Geral, quer no domínio da Cirurgia, que o testifiquem os milhares de doentes, alguns dos quais em estado desesperado, que no Bongo recuperaram a saúde ou simplesmente encontraram alívio para os seus sofrimentos.

Há já algumas décadas que a Igreja Adventista está ajudando a população europeia de Angola com as suas publicações de carácter médico e educativo. São numerosos os lares em que se encontram os úteis livros publicados por esta Organização, tais como: «O Guia Prático de Saúde», «O Médico do Lar», «O Conselheiro Médico», «Antes que o Médico Chegue», «Avenidas da Saúde», «A Educação na Pré-Adolescência», «O Moço e os seus problemas», «A Moça e os seus problemas», «O Bebê», «Felicidade Conjugal», «Segredos de um lar feliz», «O Matrimónio Feliz», «A Vida e os seus Problemas», «Nós e os nossos filhos», «Jóias Infantis», «Crianças e Animais», «Contos Vespertinos», e tantos outros cujos nomes omitimos para não alongar esta lista. A muitos lares fazem a sua visita mensal as conhecidas revistas adventistas «Saúde e Lar», «Vida e Saúde», «Mocidade» e «Nosso Amiguinho».

*Que esperamos do dia  
de amanhã.  
neste mundo  
em confusão*

?

Procurais  
confiança e  
esperança para  
a vossa vida  
espiritual



No silêncio do vosso lar podeis estudar a Bíblia por vós mesmos, seguindo um interessante curso de 30 lições, com diploma e um brinde. Achareis neste curso a solução do problema anímico e da origem e futuro da humanidade. Milhões de pessoas têm-se matriculado nesta **Escola Bíblica por Correspondência**, de âmbito mundial, e têm encontrado a tão almejada paz e confiança, para estes tempos calamitosos de tensão e incertezas. Este curso é gratuito e o vosso único compêndio será a Bíblia.

Inscreevi-vos hoje mesmo, enviando o vosso endereço à

ESCOLA RÁDIO-POSTAL — Apartado 1030, Lisboa-1

Caixa Postal. 3 — Nova Lisboa

Caixa Postal, 1468 — Lourenço Marques

**Ouvi os nossos programas da Voz da Profecia:**

**Rádio-Benguela**, nas ondas 59,50 e 31,63 m. (5042 e 9502 Kc) todas as Segundas-feiras às 20,30 h.

**Rádio-Nova Lisboa**, nas ondas de 61,84 e 41,90 m. (4851 e 7152 Kc) todas as Ter.-feiras às 20,30 h.

**Rádio-Mocâmedes**, na onda de 42 metros (7230 Kc) todas as Quartas-feiras às 19,30 horas.

**Rádio-Sá da Bandeira**, nas ondas de 59,71 e 30,75 m. (5024 e 9755 Kc) todas as Seg.-feiras às 21,30 h.

**Rádio-Melange**, todas Quintas-feiras às 19,30 h.

**Ouvi estes programas e recomendai-os aos vossos amigos e conhecidos.**

*Dai-lhes vós de comer...*  
(S. Mateus 14:16)

